

I Encontro de Arquivos Contemporâneos

ENTRE PARADIGMAS: DA CUSTÓDIA AO LABIRINTO

25 e 26 de Outubro de 2012

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
Avenida de Berna, 26-C 1069-061 Lisboa
Sala Multiusos 3, piso 4 ID

Entrada livre

ORGANIZAÇÃO

Instituto de História Contemporânea da FCSH da Universidade Nova de Lisboa
Arquivo & Biblioteca da Fundação Mário Soares
CETAC – Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação

FUNDAÇÃO
MÁRIO SOARES
ARQUIVO &
BIBLIOTECA


cetac.media


INSTITUTO
DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA


FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

<http://encontro-arquivos-contemporaneos.blogspot.pt/>

José António Rocha (CEHR-UCP)

Arquivos contemporâneos e investigação histórica: o contributo do Centro de Estudos de História Religiosa

Comunicação ao *Encontro de Arquivos Contemporâneos, 1: entre paradigmas: da custódia ao labirinto*, Lisboa, 25-26 de outubro de 2012. Org. Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa; Arquivo & Biblioteca da Fundação Mário Soares; CETAC – Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação. Comunicação apresentada a 25 de outubro.

Resumo: O Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa, sendo uma Instituição de investigação, e ciente do enorme valor desta documentação para a história contemporânea, desde cedo se esforçou por desenvolver trabalho de reflexão, formação e intervenção arquivística. Propõe-se nesta comunicação dar a conhecer a abordagem que o CEHR tem feito e programa fazer nesta área, o porquê e o para quê dessa abordagem. Propõe-se ainda um olhar autocrítico sobre as maiores dificuldades que este trabalho tem enfrentado.

Palavras-chave: arquivos contemporâneos; arquivos religiosos; CEHR - Centro de Estudos de História Religiosa.

Introdução

Um historiador pode, com algum jeito, realizar toda a sua investigação sem entrar num arquivo. Se ler aplicadamente muita e boa bibliografia, conseguirá fazer sínteses meritorias e expressar intuições lúcidas e assim escrever suas dissertações, publicar seus livros e artigos, fazer História... Mas, sem investigar nos arquivos, estará a viver longe daquilo que melhor o pode aproximar da realidade dos acontecimentos cuja memória quer construir e purificar. Estará a prescindir de beber das fontes ou, se quisermos, a ler uma tradução, em vez de ler o original. As bibliotecas são fundamentais e imprescindíveis para o historiador, são um acelerador da sua investigação, mas se resistir à atração gravitacional dos arquivos, a investigação do historiador torna-se repetição ou devaneio.

Na transição epocal entre o paradigma custodial e o paradigma pós-custodial informacional que vivemos, a internet, para simplificar, não é para o historiador nem uma mega-biblioteca nem um mega-arquivo. É a convivência de ambos e questiona, sem necessariamente confundir, a tradicional diferença ou fronteira entre estas duas naturezas e estruturas informacionais. Mas não questiona nem anula, de todo, a obrigação do historiador de investigar os arquivos, de beber nas fontes. Dou um exemplo:

Um historiador que queira investigar determinado tema tem hoje e terá cada vez mais acesso através da internet a uma vasta e atualizada bibliografia sobre esse tema. Há algumas décadas não havia internet, há alguns anos havia catálogos e listagens bibliográficas na internet, hoje já há lá imensa produção bibliográfica em texto integral e cada vez mais facilmente acessível, e futuramente será impensável que se edite produção de natureza científica em formato impresso que não esteja também acessível imediatamente ou proximamente em formato eletrónico.

Mas, esse mesmo historiador, cada vez mais poderá frequentar os arquivos na internet, na medida em que cada vez mais existem grandes massas de documentação de arquivo descritas, digitalizadas e acessíveis, reproduzidas na internet. A mudança de paradigma também passa por aqui. Ir investigar num arquivo, da perspectiva do utilizador, já não passa necessariamente por apresentar-se às 9.30h com a mala do computador a tiracolo à entrada do edifício do arquivo.

Mas, regressando à questão, o historiador, para apresentar resultados inovadores, tem de meter mãos aos arquivos. No caso da História Medieval e Moderna, porque trabalham arquivos multisseculares, talvez venham a beneficiar de modo mais sistemático deste “despejar” dos arquivos para a internet. Por diversas razões, o maior valor patrimonial do suporte desses arquivos tornará mais rápida a sua digitalização e difusão eletrónica. Não tenho a certeza, é uma hipótese.

Instituições de investigação... que trabalham arquivos

A articulação entre, por um lado, a salvaguarda, organização e divulgação de arquivos contemporâneos e, por outro lado, a historiografia contemporânea é fundamental, e o labor nestas duas frentes representa um estímulo e um benefício mútuo, pois arquivos organizados,

acessíveis e acedidos permitem investigações mais rigorosas, histórias mais “verdadeiras” ...; e a consciência, a “pressão” e a “sede” dos historiadores fá-los bradar pela preservação e organização de arquivos e exigir o acesso à informação dos arquivos. Não quero cair no revivalismo do “historiador-arquivista”. Bem sei que os arquivos, a documentação e a informação neles contidos, não são simples meios, meros instrumentos para se fazer história, mas também o são.

Tendo-se a investigação institucionalizado nas últimas décadas, facilmente podemos identificar muitas experiências de instituições de investigação que desenvolveram dinâmicas de trabalho sobre arquivos. Bom, e situando-nos na tese que serve de mote a este Encontro, ou seja, o trânsito de um paradigma custodial para um novo paradigma, dominado pela pressão do acesso e da partilha da informação e pelas tecnologias que tal facilitam, estas experiências institucionais poderão ser situadas no novo paradigma, embora muitas delas passem pela custódia de arquivos dos quais não são o produtor.

Identifico apenas alguns exemplos deste género de instituições e projetos afins. Depois, passarei a narrar o que no Centro de Estudos de História Religiosa temos feito:

1. O Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra.
2. O Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
3. O “Centro República – Centro de Documentação e Estudos sobre a História da I República e do Republicanismo” que, visando dar continuidade à missão e produção da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, pretende, entre outros recursos, oferecer: um “arquivo digital de documentos, fotografias e vídeos produzidos no âmbito do Programa das Comemorações”¹.
4. A própria dinamização académica em torno das Ciências da Informação e da Documentação, com a passagem dos cursos de especialização aos mestrados, e com os primeiros doutoramentos nesta área.
5. Linhas de investigação como a que a Prof^a Maria de Lurdes Rosa tem dinamizado em torno dos arquivos de família, com programa de atividades e publicações em curso.
6. A promoção por parte de Unidades de I&D de encontros científicos do género deste que agora se realiza
7. Se percorrermos os resultados dos concursos anuais da Fundação Calouste Gulbenkian para Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais, encontramos entre os projetos vencedores diversos promovidos por Universidades, mas relativamente a arquivos produzidos por outrem, e são apenas alguns exemplos:
 - Em 2008: Projeto A memória do ensino médico ao longo dos séculos: espólio ‘Simão José Fernandes’ [*Faculdade de Medicina de Lisboa*];
 - Em 2010: Projeto de recuperação e tratamento documental do espólio do compositor português Frederico de Freitas (1902-1980) [*Universidade de Aveiro*]; Projeto de recuperação, tratamento e organização dos arquivos pessoais do Eng.^o Charles Lepierre e do Eng.^o Duarte Pacheco [*Instituto Superior Técnico*]; Projeto Arquivo

¹ Cf. <http://www.fcsh.unl.pt/media/noticias/centro-republica> [consultado a 25-10-2012]

Histórico do Cabido da Sé de Évora [CIDEHUS-Universidade de Évora]; Projeto O processo SAAL em fotografias: preservação das coleções Alexandre Alves Costa e Nuno Portas do arquivo fotográfico do Centro de Documentação 25 de Abril [Centro de Documentação 25 de Abril - Universidade de Coimbra].

- Em 2012: Projeto Recuperação e tratamento documental de uma coleção de discos de 78 r.p.m. de música portuguesa [Universidade de Aveiro]; Projeto Arquivo Maestro Manuel Ivo Cruz [Universidade Católica Portuguesa]; Projeto Arquivo da Sé Portalegre: organização, descrição e difusão online [CIDEHUS-Universidade de Évora].

Tudo isto, no meu entender, são exemplos de ações, de incursões, de instituições de investigação no campo dos arquivos, por causa da relação direta entre estes dois campos.

O Centro de Estudos de História Religiosa

O Centro de Estudos de História Religiosa, sendo uma Instituição de investigação em História, desde cedo prestou atenção e se esforçou por desenvolver trabalho de reflexão, formação e intervenção arquivística em articulação com a investigação. Esta atividade tem sido corporizada no Centro pelo “Grupo de Arquivística”.

O Grupo de Arquivística

O Grupo de Arquivística é, segundo definição própria, «um grupo de trabalho que procura reunir historiadores, profissionais de arquivo e outros especialistas com a finalidade de promover ações de formação, intervenções de recuperação, tratamento e organização arquivística e outras iniciativas relacionadas com arquivos de instituições religiosas e arquivos pessoais em Portugal»². O trabalho deste Grupo desenvolve-se de modo articulado a três níveis: investigação e reflexão, em ligação com outras linhas de trabalho no Centro; formação, também em colaboração com outras entidades; e realização de projetos de intervenção arquivística em acervos documentais produzidos por instituições sociais e particularmente religiosas e seus protagonistas, que tenham interesse relevante para a memória e a história da sociedade portuguesa contemporânea, grande parte em risco de se perder.

Advirto para que estes nobres princípios não são necessariamente praticados. Dir-se-á antes que “pelos seus frutos os conhecereis”, como referem os evangelhos.

O trabalho deste Grupo teve início em 1992. O Grupo é atualmente formado por 12 membros e reúne periódica e irregularmente. Quando, em 2007, o Centro definiu a sua estrutura de investigação, então assente em três linhas, uma delas denominou-se «Arte, Património e Arquivística Religiosos», dando portanto visibilidade ao Grupo de Arquivística Religiosa.

Passo agora a enunciar algumas das concretizações do Centro na área dos Arquivos.

² Cf. Apresentação do Grupo de arquivística, em http://www.ft.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?SSPAGEID=1002&lang=1&artigoID=123 [consultado a 24 de outubro de 2012]

Serviço e apoio técnico e científico à organização de arquivos

O Arquivo Histórico da Diocese de Cochim foi organizado entre 1992 e 1995 através de uma equipa sob a direção da doutora Maria de Lurdes Rosa e responsabilidade direta da Fundação Calouste Gulbenkian. O Centro prestou apoio científico a esse trabalho.

O Arquivo da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima foi organizado por uma equipa que integrou o Dr. Jacinto Guerreiro, membro do Grupo e uma irmã da Congregação que frequentou no Centro o Curso de Técnicos-Adjuntos de Arquivo.

Em 2002 foi iniciado um projeto de organização do Arquivo do Santuário de Fátima ao abrigo de um *Projeto de Gestão Integrada de Informação Arquivística*, gizado pelo Grupo. O projeto tem sido coordenado pelo Dr. Pedro Penteadado.

Muito brevemente será organizado o Arquivo do Santuário de Cristo Rei, ao abrigo de um projeto apresentado pelo Centro ao Santuário. O trabalho será executado pelo mestre Paulo Gonçalves.

Temos prestado apoios mais pontuais e feito diagnósticos sobre os arquivos de algumas congregações religiosas.

Arquivos sob custódia do Centro

O Centro tem acolhido alguns fundos de arquivo, que nos foram confiados pelos seus produtores ou herdeiros. Destacam-se:

O Arquivo da Junta Central da Ação Católica Portuguesa (recebido nos anos 90 e por organizar)

O Arquivo António Lino Neto (recebido em 2005 e organizado)

O Arquivo José Maria Braga da Cruz e o Arquivo Guilherme Braga da Cruz (recebidos em 2011 e em organização).

O Espólio Documental Orlando Leitão (por organizar)

O Espólio Documental Susan Lowndes – correspondente estrangeira em Portugal, 1939-1993’, (recebido em 2012 e em organização).

Publicações

Em 2000, o Centro publicou um livro de título *Arquivística e Arquivos Religiosos: contributos para uma reflexão*, coordenado por Maria de Lurdes Rosa e Paulo Fontes. Trata-se de uma coletânea de estudos e de documentação diversa, mas que no seu todo representa um programa de ação do Centro nesta área.

Também em 2000 foi publicada a entrada “*Arquivos eclesiásticos*” no *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, produzido no âmbito do Centro. A autoria é de Maria de Lurdes Rosa e Pedro Penteadado, membros do Grupo.

Outros textos e sínteses foram entretanto publicados por membros do Grupo nesta área.

No presente ano iniciámos a publicação de uma coleção chamada “Instrumentos de Descrição Documental”. A coleção publica-se em formato eletrónico (em pdf, mas com funcionalidades acrescidas relativamente ao pdf simples) e com uma pequena tiragem impressa associada. A versão eletrónica do primeiro número da coleção está concluída, e o segundo número prevemos publicá-lo no final do ano.

Já agora, nesta área das publicações, importa não só o que produzimos, mas também o que recebemos. O Centro criou um pequeno núcleo de bibliografia sobre arquivística, com cerca de 300 espécimes. Estão catalogados e podem ser requisitados por leitores da Biblioteca Universitária João Paulo II, da Universidade Católica, em Lisboa.

Formação e encontros científicos

As primeiras iniciativas que o Centro promoveu na área dos Arquivos foram os chamados I e II Cursos de Arquivística Religiosa, nos anos de 1997 e 1998. Cursos de 3 dias cada. O primeiro dos cursos teve a participação de 220 pessoas e o segundo de 200 pessoas.

A iniciativa mais intensa que promovemos no domínio da formação foi o “Curso de Técnicos Adjuntos de Arquivo”, organizado pelo Centro em colaboração com o então Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo e com a Associação de Bibliotecários, Arquivística e Documentalistas (BAD). Realizou-se em 1999/2000 e formou 26 técnicos. Teve 640h letivas acrescidas de um mês de estágio. Infelizmente, e após várias tentativas, não lográmos que o curso beneficiasse por parte da BAD da atribuição de equivalência ao curso de Técnicos Profissionais promovido pela própria BAD.

Promovemos diversos encontros de formação arquivística, conferências na área, visitas de estudo a arquivos, demonstrações de software de descrição arquivística, etc.

Recentemente, iniciámos duas dinâmicas: um ciclo de pequenos workshops durando uma manhã cada; e um ciclo de sessões de um seminário de arquivística. Já promovemos quatro Workshops, com a colaboração de arquivistas e outras pessoas que trabalharam nas áreas em questão. Foram os seguintes: 1º Workshop «Metodologias de Tratamento de Arquivos Pessoais» (9 de julho 2011); 2º Workshop «Proteção, salvaguarda e divulgação de periódicos» (26 de novembro 2011); 3º Workshop «Metodologia de elaboração de Instrumentos de Descrição Documental» (31 de Março 2012); 4º Workshop «Arquivos monástico-conventuais» (23 de Junho 2012). Temos já o próximo workshop em preparação para daqui a um mês.

Em julho passado o Centro coorganizou com duas Unidades desta Faculdade o Seminário internacional «História dos Arquivos e da Informação: um campo de investigação», animado sobretudo pela Profª. Maria de Lurdes Rosa e em que participaram quatro dos nossos colaboradores.

Participámos em encontros científicos nacionais e internacionais, em Espanha e Itália, nomeadamente no contexto de associações de arquivistas eclesiásticos.

Parcerias e afiliações

O Centro figura entre a cerca de uma dezena de membros institucionais portugueses do Conselho Internacional de Arquivos. Assinamos a revista *Comma*, editada pelo Conselho.

Em 2010 iniciámos uma colaboração com o Centro de Estudos Sociais e de Sociologia da UCP para a organização do "Núcleo de Documentação da História do Serviço Social em Portugal", que é uma realidade ainda embrionária.

O Centro tem colaborado, no âmbito da Igreja Católica, com o Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja na área de arquivos e integra o Conselho Nacional dos Bens Culturais da Igreja na qualidade de instituição convidada.

Promovemos a celebração de um Protocolo entre a Universidade Católica e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para o acolhimento de estagiários de alunos do curso de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação. O Centro está aberto a acolher destes estágios.

Algumas dificuldade e fracassos

No Verão de 1998 o Centro definiu um ambicioso “plano de trabalho para o desenvolvimento integrado da arquivística religiosa em Portugal” com iniciativas programadas para quatro anos. Parte delas concretizou-se. Entre as iniciativas planeadas constava a organização de um “I Congresso de Arquivística Religiosa, com o lançamento de uma dinâmica alargada em ordem à constituição de uma Associação Nacional de Arquivística Religiosa”, que não se concretizou.

Nisto de mudanças de paradigmas, também estamos neste momento a questionar a identidade do próprio Grupo, que se tem tradicionalmente chamado “Grupo de Arquivística Religiosa”; e entende-se que o qualificativo “religiosa” se deve à natureza dos produtores dos arquivos institucionais com os quais prioritariamente temos tentado trabalhar. Vamos provavelmente “secularizar” o nome do Grupo, passando a chamá-lo “Grupo de Arquivística”. Simplesmente. Tal como a coleção *Instrumentos de Descrição Documental* era para ter-se chamado *Instrumentos de Descrição Documental de arquivos religiosos e pessoais*. A intenção de delimitar o nosso trabalho segundo a vertente religiosa ou pessoal de determinados arquivos torna-se menos operativa, sobretudo nos dias de hoje em que mesmo o conceito de “arquivo” despidido de qualificativos tem de concorrer com outros como “sistema de informação”.

Embora tenhamos 12 pessoas que formalmente integram este Grupo de trabalho de Arquivística, as pessoas têm as suas vidas, as suas prioridades e profissões, pelo que as reuniões, comunicações e projetos são frequentemente feitos em regime de voluntariado, o que torna o grau de dedicação pouco intenso.

A questão do financiamento é crucial. Os projetos de salvaguarda, organização e difusão de arquivos não conseguem ser economicamente autossustentáveis. E tratando-se de arquivos contemporâneos, só em casos específicos e raros conseguem mais do que migalhas do bolo dos patrocínios à ciência, ao património e à cultura. Há um número infindável de candidaturas com maior capacidade de sedução ante os financiadores, porque têm graus de visibilidade e impacto que um arquivo contemporâneo raramente alcança. E sem financiamento, não se podem inventar recursos humanos e materiais.

No Centro, candidatámo-nos a três edições do programa de apoio a projetos de Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais da Fundação Calouste Gulbenkian, sempre sem sucesso³.

Temos casos de espólios pessoais que nos foram prometidos pelos próprios produtores, que entretanto morreram, e não conseguimos integrar esses espólios.

Desenhámos um projeto de história oral que não se concretizou.

O desafio da relevância

Recorrendo ao título de um recente livro, *Só avança quem descansa*, e contorcendo-o um pouco, permitam-me parar por instantes para pensar, para questionar. As questões correspondem a um juízo sobre a relevância, a utilidade e a justiça daquilo que temos vindo a fazer no Grupo de Arquivística. Isto é, sendo o Centro uma Unidade de investigação em História, o trabalho que tem feito na área da arquivística, as unidades documentais que tem integrado e organizado, são efetivamente relevantes para a investigação? E, independentemente do seu valor em si, absoluto, qual o seu valor relativo, e que resultados podemos apresentar como valor acrescentado e com que retorno para a investigação e perante a sociedade?

³ Nota do autor: Posteriormente à data desta comunicação, no concurso de 2013, foi selecionada uma candidatura apresentada pelo Centro. Trata-se do projeto *Sigillvm: 'Corpus' dos Selos Portugueses. Inventariação, Catalogação e Digitalização da Sigilografia Ecle-siástica Secular Medieval Portuguesa*.